

Carlos Leone

O essencial sobre

ESTRANGEIRADOS
NO SÉCULO XX

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

O conceito de estrangeirado como força dinâmica e ordenada na história portuguesa é muito recente.

JORGE BORGES DE MACEDO, «*Estrangeirados*», *um Conceito a Rever*.

NOTA PRÉVIA

Este volume da colecção «O Essencial sobre» apresenta ao leitor os dados fundamentais para a compreensão do sentido actual do termo «estrangeirados». Para tanto, limita-se ao período histórico em que este conheceu uma divulgação com maiores conseqüências na História das Ideias e valoriza os autores e textos com posições mais pertinentes, e diversificadas, em detrimento do polemismo que, reconhecidamente, está também associado à história do termo (como se referirá adiante várias vezes).

Assim, num primeiro momento tenta-se dar conta da relevância do tema «estrangeirados» no pensamento histórico de Sérgio, marcado por um empenhamento cívico comum na sua geração mas modulado de forma singular por uma preocupação na reforma tanto das mentalidades como das práticas (o primeiro aspecto tende a ser de tal modo dominante que pouco espaço deixa ao segundo). Desse empenhamento nasceram opções de interpretação histórica que, se o ignorarmos, serão in-

compreensíveis e injustificadas. Deste modo, trata-se de fazer justiça a Sérgio sem adoptarmos acriticamente o seu ponto de vista, como sucedeu a alguns dos seus sucessores.

No segundo capítulo, propõe-se um modelo de interpretação próprio e, tanto quanto sabemos, original da noção «estrangeirado», aplicada agora ao século xx. As três vagas de «estrangeirados» do século xx português, bem como as suas diferenças internas, podem, cremos, trazer nova luz quer ao termo (seu sentido e aplicabilidade) quer à sua história (às suas polémicas passadas e de certo modo ainda presentes). Ao destacarmos a «segunda vaga» desses estrangeirados, posterior aos períodos em que o próprio Sérgio esteve «estrangeirado», estamos a propor uma valorização de um período da nossa história contemporânea habitualmente descrito como um «consulado das trevas» (por exemplo, por um sergiano convicto como Victor de Sá em *Esboço Histórico das Ciências Sociais em Portugal*), a contrario sensu, no entanto, do que o fizeram os opositores de Sérgio.

No final do segundo capítulo e no terceiro, é já desses opositores, propositados ou não, que se trata. Apesar de um certo sucesso do termo, a historiografia portuguesa da segunda metade do século xx mostrou os limites dos «estrangeirados» como conceito e criticou-o

de várias formas e com objectivos muito diversos. E se citamos em epígrafe Jorge Borges de Macedo não será para colocarmos este pequeno trabalho sob a sua égide, mas, pelo contrário, para reconhecemos a importância das suas reservas face a Sérgio apesar de partilharmos mais pontos de vista com a historiografia de sergianos (em particular a de Magalhães Godinho).

No conjunto, realçamos a centralidade de Sérgio em toda a questão, o que será simples justiça, independentemente da concepção de História que adoptemos.

1

O CONCEITO NO SÉCULO XX

Do romantismo para cá, estrangeirados seria antes o rótulo conferido ao progressista, insatisfeito ou inconformista, ao pioneiro de qualquer novidade, contra a qual se mobiliza a nacional inércia, ao franco-atirador que se autocondena a crivar de setas a mitologia reinante.

ANTÓNIO COIMBRA MARTINS, «Estrangeirados», *Dicionário de História de Portugal*, vol. II.

A relevância da questão dos «estrangeirados», na História de Portugal começa muito antes do século XX. E, precisamente por isso, faz sentido demarcar períodos, autonomizando-os de modo a iluminarem-se mutuamente. Ao escolher escrever *O Essencial sobre Estrangeirados no Século XX* estamos a afirmar duas coisas: a relevância que o tema adquiriu nesse período e a influência exercida pela formulação que então conheceu, sobretudo

através de António Sérgio, na concepção do que foram os «estrangeirados» anteriores ao século xx.

A relevância dos «estrangeirados contemporâneos» para a nossa História cultural e social constitui o essencial deste volume. Por isso, limitamo-nos a apresentar em traços gerais a influência de Sérgio na discussão do tema no século xx e, de certo modo, até hoje. Ao inscrever em epígrafe a esta introdução o final do artigo «Estrangeirados» de António Coimbra Martins (em Serrão 1965), assinalamos aquela influência e o modo como ela reconfigurou o entendimento e os usos do termo. Fazendo parte desse processo, Coimbra Martins não o poderia descrever, pelo contrário participou nele quase sem reservas. Hoje, décadas depois, é possível apresentar, nos seus traços essenciais, esse processo, os seus autores e as suas consequências.

*

Como teremos ocasião de comentar mais tarde, ao lermos o texto de onde citamos, Jorge Borges de Macedo tem razão ao afirmar: «A ênfase dada por António Sérgio ao conceito de estrangeirado, na sua própria obra, não foi súbita nem tomou, desde logo, todas as suas modalidades.» (Borges de Macedo 1974: 24.) Por isso, vamos nestas páginas introdutórias indicar as grandes

linhas de força da evolução do pensamento de Sérgio a respeito do tema e da sua relevância na História de Portugal.

O texto seguinte deste capítulo apresenta uma versão resumida do terceiro capítulo da nossa dissertação de doutoramento, a publicar na INCM. Borges de Macedo indica, e correctamente, as datas de 1914 e 1929 como as balizas temporais da exploração do conceito «estrangeirados» por Sérgio (cf. Borges de Macedo, *ibid.*). Assim, em conferência no Rio de Janeiro (Sérgio 1913: 14-15), António Sérgio refere como causas da decadência peninsular a educação guerreira (causa do parasitismo que denuncia ao polemizar com Cortesão e Pascoaes) e o isolamento, mania purificadora. Das duas causas, é o próprio Sérgio quem atribui maior importância à primeira e responsabiliza-a mesmo pela existência da segunda causa. E relaciona os dois aspectos: «— donde o atraso dos peninsulares nas funções normais da indústria, e agricultura, e com a formação de um temperamento em que as faculdades românticas da paixão e da fantasia, da impulsividade e da retórica, preponderaram enormemente sobre a vontade e a razão.» (P. 15.) De seguida (cf. pp. 15-17), a argumentação procede historicamente e, começando na Reconquista, só termina com D. Sebastião — «o de Alcacer, onde foi achar sepultura própria, para si mesmo e para o seu reino, um

doido varrido da Cavalaria, simbolo dos erros duma nação» (p. 17). Este é o ponto de interesse na conferência.

O tema da decadência é oitocentista, e a apropriação que Sérgio faz dele, apesar de original, queda-se ainda vítima da escassa atenção dada por si (como por Proença e por quase todos à época) à linguagem, aos termos, empregues na discussão. Sérgio tem noção das diferenças da sua tese face a Antero (aspecto subvalorizado por Coimbra Martins), bem como dos seus objectivos: não a revolução mas o progresso; não o socialismo mas o liberalismo. No entanto, a sua relação com a «degeneração» do País, e por conseguinte a regeneração que ambiciona (cf. pp. 17 e segs.), são tolhidas desde o início pelo carácter simbólico da relação que Sérgio mantém com figuras da História de Portugal. Neste particular, crucial para tudo o resto na medida em que condiciona a relação crítica com os problemas, Sérgio permaneceu demasiado próximo de outro dos Vencidos da Vida, o Oliveira Martins que terminou os seus dias mitificando dramaticamente figuras da História.

A relação simbólica de Sérgio com D. Sebastião distingue-se nitidamente de outras do mesmo género pela sua intensidade e consequências. Se o processo a Damião de Góis é lembrado (cf. pp. 26-27) como «scena da tragedia» (do isolamento purificador português pela

Inquirição), e se podemos ver nesta própria expressão, mais do que um pormenor de estilo, a marca de um sentimento comum à geração dos «novos» de 1915 (por oposição à primeira geração republicana surgida com o Ultimatum, como veremos no primeiro capítulo) face ao passado com que a República viera cortar, já o caso da relação com D. Sebastião é ainda mais importante por aquilo que revela sobre a imagem de Portugal aos olhos do discurso crítico português.

O papel de D. Sebastião é o de símbolo de um país autodestruído. Ele não surge como único responsável, é mesmo em parte vítima da importação do Santo Ofício por D. João III. O valor da figura de D. Sebastião para Sérgio é, realmente, esse: o de alguém que, em vez de contrariar voluntária e racionalmente os erros que herdou, persistiu «romanticamente», «retoricamente» neles até perecer sem remissão. Ora, a valorização da figura do «Desejado» por Carlos Malheiro Dias em 1924, por ironia adicional inserta numa exortação à Mocidade, insistia naquilo que Sérgio disputara com Pascoaes uma década antes: a imagem do Portugal antimoderno como ideal cultural (logo, também político) e D. Sebastião como seu símbolo natural. Pretender ver em D. Sebastião o canto do cisne do Portugal quinhentista não representa apenas, na perspectiva de Sérgio, um erro histórico, discutível de modo mais consequente, aliás, em

ÍNDICE

Nota prévia	5
1. O conceito no século xx	8
2. As três vagas de «estrangeirados contemporâneos»	28
3. Aproximações aos estrangeirados contemporâneos	41
3.1 O diálogo com outra Europa: Eduardo Lourenço e Vasco Magalhães Vilhena	42
3.2 Revisões da historiografia portuguesa depois de Sérgio	60
<i>Bibliografia</i>	77